



# Elegia

Poemas

Ítalo Campos

 **FLOR & CULTURA**  
editores

# ELEGIA



Ítalo Campos

# ELEGIA

© 2012, Ítalo Campos

Todos os direitos reservados. A reprodução de qualquer parte desta obra, por qualquer meio, sem autorização do autor, constitui violação da LDA 9610/98. Este livro recebeu apoio da Lei Rubem Braga.

Editoração e Revisão: Orlando Lopes - orlandolopes.es@gmail.com

Capa / Foto: Tainá Correa - tainacorrea@gmail.com

Impressão - Dossi Gráfica e Editora

C198e Campos, Ítalo Francisco  
Elegia / Ítalo Campos. - Vitória : Flor&cultura,  
2011  
62p.; 14 x 21 cm

ISBN: 978-85-88909-98-4

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD B869.1

flor&cultura editores  
rua antônio aleixo, 645, consolação  
29050-150 — vitória — es  
(27) 3322-4777  
florecultura@gmail.com

## SUMÁRIO

<b>As Fábulas .....</b>	<b>9</b>
<b>Versos de Elegia .....</b>	<b>51</b>
<b>O Museu da Musa .....</b>	<b>61</b>



## PREFÁCIO

Para o leitor que ainda não conhece, cuido aqui de apresentar mui brevemente o iceberg que subjaz ao livro. Fala e lê-se aqui um goiano já naturalmente capixaba, psicanalista experimentado nas sebes do labirinto lacaniano; um brasileiro que reflete já em seu próprio nome próprio o sinal inegável da ocidentalidade que pulsa, lateja, adormece em nossas mentalidades de ex-colônias: Ítalo é, de certa forma, “o que tem latinidade”...

Aliás, bom e caro leitor, por mais descabida que possa parecer a primeira associação, Ítalo parece para mim – e falo da pessoa, mais que da escrita – uma persona com ecos de Guimarães Rosa e cacos de Manuel de Barros. Mas enfim, não é do amigo, da pessoa, do *semblable*, que deve versar uma apresentação, e sim sobre o fruto daquele trabalho que emolda som e letra com a alma de um vivente, essa impressão que fica da gente em tudo aquilo que a gente habita enquanto a nossa vida tem vida.

Na dicção, os poemas de *Elegia* repontam uma veia romântica, mas daquele romantismo que repousa sob os marcos e os estereótipos mais óbvios da tradição e resvala em monumentos estéticos, filosóficos, existenciais de uma subjetividade, também pessoa, indivíduo, re-agente. A declarada ênfase de um eu-lírico que se projeta sobre os temas da origem, da



autoconsciência e da consciência do outro sem nunca abandonar-se, sem nunca perder-se de vista... bem, não é nisso mesmo que deveria dar o olhar romântico de um psicanalista-poeta? Há-de se-ver que, de um jeito ou de outro, "todo poema / é de amor" por mais que seja "dura poesia" em "cama de silêncio" (p. xx), lidando com a morte (a memória do que já não é) para aprender com a vida (o presente e seu imediato devir), arriscando-se a "morar no vazio" a que se pode reduzir a existência (p. xx).

No conjunto, o livro se divide em três seções, cada uma refletindo um aspecto do pulso poético de Ítalo Campos. Seja nas origens repuxadas entre a Memória e a História, n'As Fábulas; na saturnália erótica e afetiva dos Versos de Elegia; ou na assunção "transcendente" de que esse esforço – a expressão da poesia no artifício da palavra – é capaz de preservar-se, incrustar-se, inscrever-se no Museu da Musa.

*Orlando Lopes, poeta e professor do curso de Letras da Ufes.*

# AS FÁBULAS



Na sala do general havia um quadro;  
todos o olhavam nos momentos de não-dizer.  
Até que o quadro pulou da parede  
e “se evadiu”, conforme comunicado oficial,  
pela janela.

Nunca mais se encontrou paz  
naquele quartel.

## Cidade

A cidade onde moro,  
sol e pedra.  
Veias abertas,

becos sobre becos,  
vozes soterradas  
(hálito moribundo),

corre subterraneamente,  
sangue negro, amarelo e branco.  
Por cima cimento e pedra.

Torre. Cruzes e cruzes.  
(silêncio)  
A cidade onde moro,

Ela quase não tem fim.  
Um dia eu passeio por ela,  
Outro dia, ela passa sobre mim.



Pega! Pega!  
Peguei! Peguei!  
Ele achou que era uma alma

e era um papel em branco.  
Assim falou o doido  
pelas ruas da Praia do Canto.

Ele fispou a dor do poeta:  
Encontrar a alma no papel  
em branco.

O poeta é um doido  
que não achou sua praia:  
Insiste em arrancar da alma

a poesia que se espraia.  
O doido e o poeta  
erram pela Praia do Canto.

Eles acharam um papel  
em branco. Da mesma dor  
sofrem o doido e o poeta:

a desrazão das palavras  
que precisam de aval.  
Pelas ruas da praia

cada dor pegou sua via,  
ambas velhas malditas. Uma a via oral,  
a outra, a da difícil escrita.



Esse porto, teu corpo  
posso aportar. Falcão.

Pouso forte,  
pura sorte.  
Esse porto  
suposto, suporte  
desse corpo, noite  
morte – espelho – espelhar.

Posso no porto  
aportar velas, nelas  
o tesouro dos sonhos  
infâncias e lendas.  
Liberdades.

Posto que posso  
ancorar meu desejo  
entre brumas de medo,  
em todo porto  
navegar.

Que me importa então  
(o meio) o porto alcançar?  
E nele firme  
alcançar  
sem nele chegar.

Meu porto particular  
é pedra, pele e sangue  
é sempre o que de mim  
expande  
de um momento;

Porto é todo colo que invento  
depois de dormir,  
de novo amar-acordar.  
Porto, pouso  
de toda arribação;  
o que cansa é o tempo.

Porto é berço de pedra  
que acolhe  
quem adormece  
e se deixa chegar.





Somou todos os carinhos recebidos  
Com muito cuidado.

Catou sobras, restos de palavras  
E não encheu a mão.

Então decidiu:  
Costurou tudo o que podia  
num cordão de nylon  
e, no dia do seu aniversário,  
apertou a gravata no seu pescoço.



As cigarras não cantam  
de alegria

elas arranham a própria  
pele

quando vai amanhecer  
o dia.

As cigarras só ficam felizes  
quando saem da casca,  
finalmente vazia.



Porque andava triste  
não ouviu a sirene que se aproximara.

Sua própria voz a guiava  
surda  
para o cadafalso.

Para a vida não existe sinal  
fechado.

## **Ad hominem, per hominen\***

*\* A expressão ad hominem ou argumentum ad hominem significa mais ou menos, uma objeção ao sujeito que contrapõe a validade de uma premissa à pessoa que a advoga.*



Gaba os mangues  
da minha terra,  
de lá a vida  
revira, emerge.  
Manga de mim.

Manga de mim,  
deixo minha vida  
ao seu coração.

Vê se ele me elege.



Apego ao precário que o seu olhar  
me dirige. Para me salvar,  
me agarro no suposto do  
seu desejo.

Maltrapilho sujeito que se  
equilibra na esperança  
desesperada das trapaças.

Recolho em mim os cacos  
da passagem estreita,  
da tonteira do labirinto  
entre os desejos mais temerosos  
(não são rosas nossos sonhos,  
entre eles demônios espreitam).

O tufão do desejo avança  
por entre vales e montanhas  
obedecendo somente a si mesmo  
e seus desígnios

(eu, cativo atormentado,  
sou refém, tal biruta).

Estranho de mim, meu desejo  
me escraviza, refluxo que me retalha e di-  
vide  
em partes que desconheço, em remendo de  
ser.

Agarro-me desesperadamente  
ao nome que me dão  
e às palavras que conheço:  
Deus e o Diabo me adotaram  
enquanto me debatia em desespero.



De Deus a calma plácida, onda,  
o silêncio de pedra, a morte;  
do Demo, o vento forte,  
o calor do ruído.

O Diabo, na outra face de Deus,  
ambos me habitam,  
em incerto destino, sem garantia  
e validade.



Reinam em plena rua  
intercruzadas histórias  
suspensas.

Crispam olhares sobre  
o tempo e templo concreto.

Tudo humano é efêmero,  
o resto é arte e memória.  
Uma lua em Viena  
é vista às onze horas  
e escorre em diferentes línguas,  
em cantos de primavera.

Rainha é aquela que me acompanha,  
por entre ruas e fantasia.  
A ela a lua.





Não, não perguntes;  
muito menos respostas.  
Fique como Édipo  
a sofrer o incômodo em Colônia.

Não, não respostas.  
Para que o amor dure  
é preciso a noite,  
ou pelo menos a penumbra  
e que a palavra não seja  
toda pronunciada.  
Já te perguntastes  
por que te amo?  
Não, não respostas,  
pois será o começo do fim.

Verás que és apenas sonho,  
meu sonho de pequeno,  
de ser pleno e contente.

És apenas espelho  
a refletir meu desejo  
que se agarra às pequenas  
luzes de teus grandes olhos  
e de tua pele macia.

Não, não respostas já,  
continuas perdida neste olhar  
e não verás o Purgatório  
no futuro do idílio;  
caminharemos, peso-morto,  
restos de sonhos, pesadelos  
que acreditaram no amor  
e no jogo de espelhos.



Longe de você o dia é mais longo.  
Longe de você o dia não passa.

O sol levanta, esquenta minha janela.  
O galo tece manhã antes da hora,  
trazendo saudade dela.

O dia vai escorrendo  
segundo-a-segundo:  
gotículas de horas e horas.  
Lentas. Cansadas,  
como Sísifo em árdua tarefa.

Os animais que gostam de sol  
há muito se alegram, em contraste  
comigo. Longe de você.  
Longe de você o dia é mais longo;  
já li os jornais, abaixei as persianas,  
arrumei a casa,  
limpei os livros, dobrei as roupas,  
engraxei os sapatos.  
O homem do retrato trouxe a  
encomenda. O dia se rremenda e não rasga.

As crianças já foram para a escola,  
a maré subiu, o vento está forte,  
a onda anda onde desde sempre...

O moço do picolé passou várias vezes  
anunciando: picolé de laranja-lima.

Fiz hora-extra.

Passei algumas calças, fiz pequena  
faxina. O dia não termina.  
Longe de você o dia é mais longo.

Tentei a poesia das longas horas,  
(de dar pena) mas a rima não se impõe ao  
[poema.

Não sei rimar em ditongo.  
Sirenes tocam incessantes, meu  
coração dispara,  
nestes dias longos  
o coração é mais sensível.  
Fiz vários telefonemas, arranjei o  
armário. Pensei em ir ao cinema.  
Mas como?

O dia sem você é muito longo.  
Resolvi então dormir, mas como  
aclamar o sono  
se o dia longo continua a existir?  
Agarro-me a Rapunzel  
Rogo-lhe que me tire dessa agonia  
antes que feche o dia.  
Scherazade, meu amigo,  
será seu abrigo.  
Ela sabe o que diz.

Longe de você o dia é mais longo.  
Dia infeliz!  
Viajei com Melodia, cavalguei  
com Diadorim.  
Fiz exame de sangue,  
reservei vaga na UTI,  
o dia não teve fim.  
Longe de você o dia é mais longo.

Que saudade de mim!  
Telefonei para Uruaçu.  
Hoje tem festa do pequi,  
sanfona, pandeiro, violão,  
cachaça com murici  
("Se o mundo tiver umbigo, o do mundo é  
[aqui").

Dias longos aderem a lembranças.  
Andei olhando para Capitu,  
faz cem anos que seu pai morreu.  
Ela, coitada, não envelhece.  
Tão difícil a ficção,  
quando a noite não anoitece.  
Longe de você os dias são mais longos.

Uma dengue, um enxágüe,  
uma mancha, um perrengue  
me acontecem. Doente da mente,  
por mais que a lira me abrace,  
que conte histórias para os netos,  
que acenda velas para Santa Rita,  
que ajoelhe na igreja de São Fidélis...

O dia não termina, os segundos não pas-  
sam.  
O relógio Omega  
(como o do meu pai)  
parece parado.

Longe de você o dia é mais longo.



Ora, nega, mela, bites,  
reza torta meio santa,  
na minha oração eletrônica  
o adjetivo atropela.

O dedo zanolho aperta errante  
os sentidos pulam a janela  
a mensagem segue incerta  
(e eu, continuo fora dela).



Não é possível não tê-lo.  
Sem sabê-lo  
carregamo-lo.

Colo, acalanto e canto,

Voz, sustento e solo.  
E em nome de quem  
me alegre e choro?



E depois de tudo,  
para teu capricho,  
tatuame no corpo.

No corpo inteiro,  
que é para não haver falta  
e marcar com a força  
do prazer primeiro.

Tatuame em cores:  
azul, verde, vermelho,  
com o céu, com o mar,  
com o sangue.

Grava-me em ti  
para que eu me veja aí.  
És tu, tatuada nos meus olhos,  
para que eu não possa mais  
fugir.



Sou com quem dormes  
distraída e te invade  
as pernas.  
Surdo aos teus urros,  
Mordo tua carne fresca e dilacero.

Comigo abraças  
num misto de afago e afastos,  
de carinho e destempero.

Ouços tuas fantasias  
e as realizo em filme de suspense.  
Na tela nasce a atriz que carregas,  
em humor e tragédia,  
passando pelo sexo.

Caminho contigo pela cidade  
nos encontros de homens e mulheres,  
sei teus segredos: sou quem  
na madrugada te aquece e  
nunca esqueces.

Assim que adormeces  
fujo para o outro mundo  
que não alcanças,  
nem conheces.

Vou para a terra do nunca,  
lugar de todos os desejos.  
De manhã volto ao teu colo,  
te desperto do sonho bom.

Faço-me boneco  
com cara de moleque  
que, como um cão,  
jamais te esquece.





(Beijar-te me deixa louca  
mole e molhada.  
Em minha taça, doce mel,  
dou de beber  
à tua carnuda boca, ajeita-me.

No meu seio, sugado lentamente,  
escorrem estrelas, perco-me.  
Para me orientar  
agarro-me ao teu sol.

Já nas nuvens  
em infinito azul,  
nossos corpos expandem cores  
como desenhos  
de infância.

E nesse quadro tão sereno  
viro menina atrevida. Abro,  
um pouco, as pernas  
e sufoco o travesseiro.  
Percorro tua mão em mim  
como que costurando pontos  
em um bordado sem fim.

E perdida a cabeça  
em instante breve,  
enfio-me em teu corpo,  
peço a Deus que me leve  
como nave, ao infinito:  
que me leve a perder de mim,  
em ti, meu próprio grito.)



No antes, quando não a procurava,  
o vazio que me guardava era outro.  
Restava esperança, casulo, se debatendo,  
nascente viva e límpida.  
Ovo explodindo em vida.

No quando de um beija-flor feliz,  
caminhando entre jardins  
do seu tempo, o beijo espalha-se por es-  
trelas que não dormem.  
O som do sexo some  
no repetir do ato.

No agora adeus,  
nafraguei em meus medos  
mas não aprendi a perder.  
Entre silêncios e mutismos,  
errante na terra do nada-dizer,  
só, com a dor, uma dor só.

Sonho com o fim  
pois não cabe em mim  
o amor que foi seu.



(Venda-me a um preço vil  
ao primeiro mascate da rua,  
troque-me por coisas baratas:

panos, fraldas, cobertores,  
livre-me da esperança e seus horrores.  
Ofereça-me ao carrasco,

dê-me como pasto ao primeiro faminto  
que, com seus afiados caninos,  
me arrancará a carne

e jorrará meu sangue ao mercado dos  
homens.

Veda-me os olhos com força  
Para que eu não me veja

em parcial agonia...  
De mãos atadas, presa, escrava,  
surre-me com suas palavras sujas,

e deixe seu eco em mim  
para eu me afogar.  
E, antes de chegar ao fim,

deixe-me em estado de miséria  
e, ainda assim, viva.  
Viva e que eu sofra.

Que vede os meus poros  
a dor infinita, que me exaura  
e eu, caída como um trapo,

assim permaneça,  
até que eu me esqueça  
nesse nosso laço.)



Enquanto eu arrancava  
meu coração a fórceps  
do peito que ele habitava  
(e se escondia de medo),

Enquanto me deliciava  
em dúvida e segredos  
que tanto me guardavam,

Tanto que não mais sabia  
o que era risco, precipício ou degrado  
e o que era planície e prazer,  
enquanto me arrancava por dentro,

removendo  
até o que desconheço,  
em anos de tartamudez.

Enquanto em penosa batalha  
articulava, de novo, palavras  
e me curava de longa surdez;

você, que ressuscitara um morto,  
se afasta, diz que não quer,  
deixa-me à vida  
e vai para a estrada,  
caminha para o anoitecer.



(Ecoam em mim  
as sílabas do teu nome.  
Infinitas vezes, infinitas vozes.

Eu mesma  
um eco do meu homem.  
O resto de um grito dado,

uma onda sonora  
sem fronteiras.  
Sou nada, estilhaço

de palavras,  
sílabas quebradas.  
Sem barreiras, porto, fronteiras.)



Reviro meu pescoço  
à procura de mim,  
de meu caroço. Cavo por dentro,

tiro tudo que de mim não é.  
Emburaco até o osso,  
retalho veias e palavras,

sangro verbo e história,  
rasgo tudo que veio do outro.  
Polpa, massa amorfa.

Atrás de mim não tem  
nada.  
Quebro meu pescoço!



Perdeu-a de vista.  
Um dia ela havia subido  
pelo raio-de-sol.

Num outro, ela havia afogado  
na goteira da chuva.  
Não conseguia prendê-la

em dia de vento sul.  
Mais uma vez  
lamentou ter nascido.

Ela era sempre minguante,  
ainda que em noite  
de lua cheia.

Mesmo que tentasse,  
era vã, tênue e frágil  
a esperança.

# Oráculo de Minas



O ar que respiro  
não é de ouro, nem belo.  
Há centenas de janelas  
a respirar saudade.  
Doce cidade  
que não enjoa  
e dói.

Andar (por aqui) é me sentir  
mineiro.  
O barulho é baixo,  
o tropel é bruto,  
e tem Milton Nascimento  
cantando na charrete.

Colcha de retalhos,  
retábulo de antigos contos,  
pedaços de ontem cerzidos.

Triste procissão  
a do passar do dia.  
Célere caminhar

carregando ainda  
estranhamentos, restos  
e paixão.

Haverá caminho mais  
rápido (dolorido)  
do nascer para o então?

????????

Mergulhar nas migalhas  
das insignificâncias que me sustentam  
(aqui e ali, capengam).

Mil galhos genealógicos suportam  
penosamente  
o peso de meus anos ancestrais,  
qual vitrais em estruturas frágeis  
(às vezes parecem tão reais).

Em cada posição que ocupo  
ora rei, ora peão, sou  
sujeito ao xeque-mate.

????????

Quero depois mergulhar,  
atravessar o tabuleiro  
e enfim, dissuadido,  
me encontrar na Coisa

pó e só.

Era a missa de bodas de ouro.

Ela saiu do confessionário  
cabisbaixa.

Tudo que o marido perdoara

retornou como um raio.

Ela desabou para sempre  
aos pés do sacrário.

Todos estes anos  
dedicados a Cristo  
não a prepararam  
para a vida.

Não brincou de roda,  
não namorou atrás do muro,  
não pegou o bouquet da noiva  
não dançou a valsa de Strauss.

Todos estes anos  
dedicados a Cristo  
não a prepararam  
para a morte.

Agora, vestida em seu vestido  
de batismo,  
pede para que lhe segurem  
a mão,  
antes de fecharem o caixão.

Tantos anos dedicados a Cristo  
não a prepararam...

A neguinha petrificou-se na janela  
e vigia Santa Bárbara.  
Minha santa dos pretos

alforria a neguinha de sorriso congelado  
e me livra de cotas e descontos.

Me devolva alegria e encanto  
da luta de alforriado  
no meu viver discriminado.

I

São João Del Rei  
tem uma obrigação maior:  
não deixar Tiradentes  
morrer.

Deixe sua força  
e sua fraqueza  
queimar as vaidades  
para viver Tiradentes.

II

O filme *Tiradentes*  
não se passa na tela  
não é rodado em cenário  
de séculos passados.

É tempo presente,  
é beijo bem dado,  
em *the end*  
adiado.

III

Os oratórios de Tiradentes,  
ora abertos, ora fechados,  
guardam eternamente  
os pecados ali deixados.  
Uma vez por ano se abrem  
para novo perdão  
entrar.

#### IV

Eu não conheço o cemitério.  
Os mortos de Tiradentes vagueiam  
pela cidade com suas vestes de época.  
Ontem mesmo eu vi um lorde  
que saboreava um sorvete  
que não conheceu.

Congonhas, Brasil  
que se despreza.  
Brasil que se moderniza,  
Brasil perdido.

Faltam amor  
e memória.

Congonhas é Brasil.



Belo Horizonte ficou triste:  
mataram sua alma.  
O parque é passagem ao hospital.

Belzonte virou capital:  
Roubaram-lhe a calma.

Triste, desalmada,  
precipita-se... Entre  
o caos e o nada.

Belo Horizonte não é cidade,  
é punhado de trens  
atropelados,

sem gente.  
Belo Horizonte é vazio,  
virou passagem,

ponto de mijo.  
Belo Horizonte, exijo  
meu Belô.

Comove o tempo da fantasia  
que move essas pedras.

Por entre frestas irregulares  
finco meus pés descalços  
que buscam sentir.  
Por mais que tente  
a coincidência dos passos,  
a pedra desmarca o que quer  
insistir.

E, se não rastro mas restos  
da história que a pedra conta  
ficam cravados na memória  
da era bruta, o tempo  
não conta.



## **VERSOS DE ELEGIA**

## Recepção

Dezenas de anjos receberam  
minha mãe no céu.

Dez eram árabes e judeus  
do tempo de Jericó,  
outros dez anjos eram índios  
da costa brasileira que morreram  
de espelhos e bugigangas.

Dez anjos eram sertanejos  
com berrantes, chibata e gibão.  
Outros dez eram crianças  
natimortas no sertão.

Dez anjos eram negros  
da Cabinda de Luanda,  
roupas coloridas,  
danças de quimbanda.

Outros dez eram andarilhos  
das estradas do Brasil,  
e dez anjos eram músicos  
em suas alegrias.

Outros anjos eram seu filho  
Ilionei e eu,  
que fui ao céu  
só para saudá-la.

Vi um morto diferente no caixão.

A chuva caía fina e constante.  
Os pássaros pirlimpimpimpiavam, para lá  
e para cá.

Sem se preocupar com o calor,  
nem com a nossa tristeza.  
Eu olhava a cara do morto  
procurando a morte.  
Vejo um morto.

Atrás do banco de madeira,  
cupins trabalham indiferentes  
às ladainhas ao morto.  
Nem o morto se interessa pela casa  
de cupins. Nem por nossas piadas.

A morte não dá as caras  
e não parece abraçada  
ao morto.

Como um colibri ela passeia  
de um em um,  
alimentando-se.

Minuto a minuto.

Calo-me  
calume, resto-me  
estrume.

Calo  
o aparelho desejador,  
presto-me

a nada. Trago a lume:  
cerume, talvez,  
de tudo ouvido.

E olvido-me: em cera  
e será.

Corre odor de merda  
entre as palavras  
dos amigos natalinos.

O amor, de priscas eras,  
explode em larvas,  
em banquete de refino.

Amigos de sangue  
têm pacto rompido,  
quando revelado o sentido

de um soluço exangue.  
Em apenas uma noite,  
o que era cajado vira açoite

em mão delicada:  
Violento retorno da palavra calada.



Peço pálido  
que seja verdade;  
lívido enredo de  
pensamentos.

Posso sangrar  
sem que nada veja  
e sinta.

Pelo labirinto de  
palavras perco, e  
acho, um pouco de sentido.  
Tal aranha,  
teço por tecer.

A roda que rodeia o outro  
é a mesma que me rodeia,  
a que às vezes sobre mim passa  
e precisa dar meia volta,  
volta e meia.

Esta roda que tudo carrega –  
velho, moço, história e tempos –  
gira ao intento do outro;  
eu rodo em outro momento.  
Eu tento!

Carreando água, dores, pensamento,  
o moinho do outro, ao sabor  
de outro vento,  
às vezes paira sobre mim  
causando medo, dor e sofrimento.

A roda que rodeia o outro  
em torno de mim também passeia;  
é preciso o próprio caminho,  
rodar a roda sozinho,  
guardar-se no próprio receio.

O outro que me ronda constante,  
às vezes, me fazendo confundir,  
cresce, ao fechar dos olhos,  
até em mim se fundir.

Ela, tão grande presença,  
tão forte em nossas vidas,  
do princípio ao fim.

Tão colados um ao outro  
que ela se confunde em mim.  
Qual língua estrangeira

em equívocos se comunica,  
ela alimenta sua presença  
nos sinais que me indica.

A morte não é plena,  
nem noite, como se imagina;  
ela é laço e tempo,

que a todos une.  
E desesperada se apresenta,  
cala, fala, horroriza,

troveja, reza, realiza  
traços de sangue e laços  
que em dor se humanizam.

Misteriosa e *magnificat*  
que, simplesmente anunciada,  
turva o céu, encobre a lua,

dispersa o tempo, a hora marcada.  
Desfaz o tudo e o nada  
e se impõe.

Morte danada, que tanto une  
quanto separa, que tanto fere  
quanto repara, tão sutil e

tão forte que ela, a própria morte,  
de si mesma não fala.  
Sou eu que vivo

em caminhos e verbo torto,  
resgato em delicada aventura  
o que de mim jaz morto.

E o que é a poesia, senão isso?  
E o que é a palavra, senão a morte?  
Se eu tiver sorte,

o saber da criança, a calma do matuto de  
ribeira,  
farei a vida com mais graça  
e, da morte, companheira.



# O MUSEU DA MUSA

Poema é cama  
de vivos e vivas  
lascívia e dor.

Todo poema  
é de amor.  
Poema é cama

dura poesia  
noite/dia  
furtiva.

Poema é cama  
de motel, jornal,  
silêncio. Frase final

poema é.

A vida vela  
quem dela se encarrega  
de velar.

Ir de barco mundo afora:  
não há barco a vela que navegue  
sem desejo de encontrar.

De vela e mar  
entende o marujo:  
navega em verso  
tormenta e deriva.

A vela do verso  
é vento  
difícil  
de dominar.



De cada hora que vivo  
um segundo eu guardo  
para me lembrar do retrato  
pendurado na estrada.

De cada pássaro que voa  
guardo um segundo no ninho  
para não me perder em acidentes  
de vôo e percurso.  
Guardo também a imagem,  
o farfalhar  
de sua asa colorida.

?????

Guardo um segundo do ruído do dia  
em minha caixa de bailarina  
para meus ouvidos se abrirem.  
Guardo uma lembrança  
de minha tarde em uniforme escolar,  
entre a curiosidade e o medo,  
afogado no credo e na solidão.

Guardarei da noite um rabisco  
na poesia que me escapa.

O poeta em seu inferno  
passeia pelo espelho da alma.  
Reflete.

??????????

Revela, revelando  
seu próprio escândalo  
n'aquilo que devora a alma  
dos homens.  
Em pequenas mortes  
traça trilhas de existência  
tiradas do nada.

O poeta cava, no campo  
da palavra, o vazio  
de existir.

Para dar um sentido  
o poeta se arrisca a morar no vazio.

Na intimidade com a morte  
em sua face mais sórdida,  
o poeta aprende, com um pouco de sorte,  
a lidar com a vida.

Escrevo  
para parecer que vivo.  
De um lado,

Uruaçu e um riso.  
De outro,  
a metrópole e a sorte.

E sobre tudo  
ela, que encobre  
e pulsa

e se aproxima.

## (Homenagem ao poeta)

Nada resta no túmulo  
de João Cabral,  
no aniversário  
de seus dez anos.

“Considere o poeta dormindo”,  
pedra, semente, madeira  
tudo é pó:  
“Pedra do Sono”.

Morte Severina para  
todos os corpos;  
esta a parte que te cabe  
neste triste mundo.

De João Cabral, o nome,  
a palavra, a letra.  
Pedra, lápide. Grafite.  
Lágrima e carvão em tela branca.

'????????????????? Esgrima verso com verso,  
ao âmago amargo  
do ser:  
Palmos medidos.

Punhal em extremidade  
de corpo. Arranha, arranca,  
perfura o seco da palavra.  
Seca.

Pincel, porque tudo fere,  
em tela e tarde e noite  
de Guernica.

Guarda-lume da morte.  
Guardador do tempo  
da palavra.  
Prisioneiro e domador  
em fúria andaluza

explode pura força,  
em mansa rebeldia,  
estilhaçando Américas.  
Cada vez mais alto

cantam os sinos de Madri  
desenhando para os cegos  
o táctil das palavras. Verso.  
Cada vez mais alto

ela, a densa vela  
em toda mente,  
em toda a gente. Livre.

Gente, flores que te acompanham.  
No verso e no túmulo,  
fezes e flores. Singelezas.

João, Carlos, Miguel:  
"Morreste poeta?  
Se já morto, ainda aniversaria".

Um galo tecendo  
no meio do caminho.  
No meio do caminho  
a palavra. Fedra.

No meio do mar  
minha pena (à) deriva.  
Eu só, sozinho,  
salgo a água.

Apelo ao português,  
ao cabralino, itabirense.  
Nada faz amarra,  
ninguém jamais agarra  
pintinho impertinente.

Quando menos é mais,  
a palavra assegura  
a relativa existência  
daquilo que é concreto.  
O que é concreto  
também desmancha  
no ar.

Como então sustentar-se  
em certezas  
que a palavra não  
assegura?

Menos ainda  
cimento, as paredes,  
os portais.  
Menos pode ser mais  
palavras.



